

## PRODUÇÕES CARTOGRÁFICAS PRESENTES EM REVISTAS VOLTADAS AO PÚBLICO INFANTIL: AS POTENCIALIDADES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA CARTOGRAFIA<sup>1</sup>

Jaira Maria da Silva de Almeida<sup>2</sup>  
Astrogildo Fernandes da Silva Júnior<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as potencialidades das produções cartográficas presentes em revistas veiculadas para o público infantil, para o processo de ensino e aprendizagem da cartografia. Para tanto, foram selecionadas duas revistas como material de análise, a saber: a revista Ciência Hoje das Crianças e a revista Recreio. A análise está centrada nas edições publicadas entre os meses de Julho a Dezembro de 2015. Como metodologia recorreu-se a pesquisa bibliográfica e documental. A partir dos estudos conclui-se que as produções cartográficas presentes nessas revistas contribuem com elementos potenciais para o desenvolvimento pedagógico em sala de aula, da leitura de representações do espaço nos anos iniciais do ensino fundamental que, encaminhem para novas formas de olhar e compreender o espaço.

**Palavras-chave:** Cartografia. Infância. Educação.

### 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento cartográfico pode contribuir para a formação de um cidadão mais consciente do mundo ao colaborar para a construção de pensamentos sobre diferentes formas de ser e estar no espaço assim como sobre a construção de outros espaços. Conforme Castrogiovanni (2000, p. 41) “é fundamental no Ensino de Geografia que o aluno/cidadão

<sup>1</sup> Artigo produzido a partir de pesquisa realizada para dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

<sup>2</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da FAGED-UFU. Especialista da Educação Básica da Rede de Ensino do Estado de Minas Gerais em Uberlândia. E-mail: jaira1986@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da FAGED-UFU. Professor do Curso de História da FACIP/UFU e do PPGED/UFU. E-mail: silvajunior\_af@yahoo.com.br

aprenda a fazer uma leitura crítica da representação cartográfica, isto é decodificá-la, transpondo suas informações para o uso cotidiano”. Cavalcanti (1998, p. 23) acredita que “é possível afirmar que a missão, quase sagrada, da Geografia no ensino é a de alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico, em suas diversas escalas e configurações”, e isso pode ser concretizado por meio de um ensino de cartografia significativo, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ainda na infância, o sujeito é inserido no processo de ensino e aprendizagem formal da cartografia, mas o contato com produções cartográficas não se restringe a esse momento. Essas produções perpassam a vivência desse sujeito nos mais diversificados espaços – como museus, parques, clubes, shopping centers – e por meio de variados suportes. Conforme Sarmiento (2003), na contemporaneidade está em consolidação um mercado de produtos culturais pensados para crianças, com o incremento dos já existentes e com a criação de novos.

Esses produtos culturais formam um mercado infantil que dialoga, de certa maneira, com temas educacionais que dizem respeito à formação das crianças, tais como: arte e cultura, animais, literatura, matemática, plantas, química, tecnologia, astronomia, física, história, geografia, meio ambiente, saúde, dentre outros. A revista se constitui em um desses suportes por meio do qual as produções cartográficas se apresentam às crianças. Enquanto artefato midiático, é marcado por estabelecer fortes vínculos com seu público.

Assim, nesse artigo - fruto de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2016 - buscamos pensar: como artefatos midiáticos, particularmente as revistas para o público infantil, podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem da cartografia nos anos iniciais do ensino fundamental? Dessa maneira, nosso objetivo consistiu em refletir sobre as potencialidades das produções cartográficas, presentes em revistas voltadas ao público infantil, para o processo de ensino e aprendizagem da cartografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Elegemos duas revistas produzidas para o público infantil, a saber: a revista *Ciência Hoje das Crianças* e a revista *Recreio*. A análise centrada durante as edições publicadas entre os meses de julho a dezembro de 2015 se justifica pela proximidade com o momento da pesquisa, sendo que a quantidade de material que tínhamos para análise também foi considerada.

Além da revisão bibliográfica, recorreremos a metodologia documental para a análise das revistas e para o estudo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - documento

oficial que orienta o currículo escolar no país desde 1997, delineia um currículo que tem como base competências básicas para a inserção dos aprendizes na vida adulta. De acordo com o que preconiza esse documento, detemos a análise nas potencialidades das produções cartográficas para o processo de ensino e aprendizagem da leitura e compreensão de informações expressas em formas de representação do espaço. Nos limites desse artigo, apresentamos a análise das potencialidades de duas produções cartográficas de cada revista, para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem da cartografia nos anos iniciais do ensino fundamental.

## 2 PERSPECTIVAS DA CARTOGRAFIA E O SEU LUGAR NO CURRÍCULO ESCOLAR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Propomos aqui o exercício de olhar para o passado e assim podermos refletir sobre o caminho que estamos trilhando. Tencionamos pensar sobre o caminho percorrido pelo conhecimento cartográfico e sua colocação hoje nos espaços escolares na disciplina de Geografia. A perspectiva – a janela – pela qual lançamos nosso olhar é a da cartografia enquanto construção humana, entranhada por sentimentos, escolhas e desejos.

Entender a construção do conhecimento cartográfico ao longo do tempo possibilita a compreensão de suas perspectivas atuais. Nesse sentido, lançam-se luzes acerca da importância do ensino desse conteúdo no espaço escolar e da necessidade de conduzirmos o exercício de pensar criticamente as produções cartográficas que se fazem presentes por meio de variados suportes.

Considera-se que, para finalidades variadas, o homem, ao longo do tempo, tem empreendido registros do espaço, sendo uma atividade intrínseca ao ser humano; conforme aponta Gomes (2004, p. 75) “o impulso de mapear parece ser um traço universal das sociedades humanas”. Assim como há milhares de anos, a sociedade atual continua mapeando espaços, impulsionada por necessidades diversas, fazendo uso dos conhecimentos e técnicas disponíveis em cada contexto histórico e a maneira como os mapas têm sido compreendidos desenvolveu-se na mesma proporção.

Citamos aqui uma perspectiva de abordagem que incita um determinado pensamento sobre os mapas, evidenciando transformações na maneira em que são produzidos. Referimo-nos a uma abordagem que está ligada a uma cartografia tradicional, conforme Gomes (2004, p. 70), “voltada quase exclusivamente para a cartografia ocidental, eurocêntrica, e fundada na crença de uma evolução linear das representações cartográficas”. Nela, o mapa é visto como

uma representação do espaço elaborada a partir de uma operação técnica e matemática. Nessa perspectiva, o mapa é tomado como incremento da sociedade e evolui quando esta evolui – numa relação de causa e efeito – o rigor técnico o caracteriza, pois, “a busca é pela acurácia e por isso o aporte tecnológico se transforma em um artifício de valoração dos mapas” (GIRARDI, 2012, p. 43).

Tendo isso em vista, com uma suposta capacidade de conseguir representar fielmente os espaços, os mapas são vistos como objetos que trazem um autêntico e transparente olhar para o mundo. Essa visão, além de alicerçar uma noção de mapa ao longo do tempo, também sedimentou e criou verdades a respeito desse objeto, ademais, esse objeto posto em ação trabalhou na produção de ideias sobre o espaço. Conforme Girardi (2009, p. 153), “sendo portador de referências usáveis, reconhecíveis pela experiência comum, os mapas são lidos como verdade, como natureza do território ou do lugar”.

Mas, a partir da renovação das bases teóricas da cartografia, na década de 1980, com os trabalhos desenvolvidos por Harley (2009) o mapa passa a ser analisado dentro de um espectro teórico mais amplo, o que estende o entendimento sobre ele:

Um relevante legado destes autores foi o deslocamento do uso da palavra “mapa” de sua origem etimológica estrita, entendendo produções gráficas sobre espaços como sendo uma inerência das sociedades humanas, em qualquer tempo, em qualquer região do planeta. Ao fazerem isto, deram legitimidade a estes objetos que se constituíam com princípios, técnicas e modos distintos daqueles que eram entendidos como “o” mapa: a produção gráfica projecional, eurocêntrica, escalar e representacional (GIRARDI, 2012, p. 44).

Essa perspectiva teórica não significou que a dimensão técnica do mapa tenha sido preterida por Harley, mas que este se negava à vertente tecnicista da geografia, sem compreender a sua amplitude e sua relação com as sociedades humanas. Dessa forma, de objeto tomado como verdade, sustentado pelo desenvolvimento tecnológico e científico, o mapa passa a ser questionado.

Compreender as representações cartográficas, saber fazer uso delas, assim como refletir sobre seu potencial de construção e articulação de ideias sobre o mundo, são questões que passam a permear as discussões. Os mapas passam a ser pensados fora de uma abordagem tradicional, o que aponta para diferentes e complementares reflexões/pensamentos sobre a questão.

De acordo com Lévy (2008), hoje o mapa encontra-se obsoleto e há a necessidade de que este reencontre seu lugar numa sociedade em que as tecnologias se propagam e em que as

velocidades são muitas, transformando-se em um instrumento que possa contribuir para o compartilhamento do conhecimento e, dessa forma, fortalecer a democracia.

Barachini (2011, p. 4578) destaca a construção do mapa como uma atividade essencial em nossa relação com o espaço:

Construir mapas é uma atividade não apenas inata, mas vital para se conhecer as direções, as relações de distâncias e os posicionamentos dos lugares e do homem em relação a estes. Assim como se torna essencial, através dos mapas, transformar a percepção do espaço físico em espaço simbólico e mental, constituindo-os de territorialidades preñhas de conhecimento em uma relação imbricada com o tempo.

Poncet (2013), ao discutir sobre as perspectivas tradicionais, apresenta o conceito de mapa dentro de uma formalidade, como produto particular da cartografia que obedece a determinadas convenções sendo o mapa, “um tipo de protocolo de representação” que tem como especificidade o ponto de vista zenital. A crítica feita pelo estudioso recai no fato de que, em contrapartida à visão tradicional, não é porque um mapa está inscrito numa convenção que não cabe questionamentos. Na verdade, deve-se pensar os mapas e sua articulação com a mundialização atual em que “emergem novas escalas, novos poderes políticos, de escala mundial, de novos lugares, bem situados, contrastando com o aumento das circulações, e de novos mundos que se articulam com o Mundo”. (PONCET, 2013, s./p.).

Para Girardi (2009) o entendimento do que é um mapa é mais abrangente, vai desde produções gráficas feitas por geógrafos, cartógrafos e demais especialistas na área até imagens de satélites ou fotografias. Para a autora, os mapas são objetos desejantes, no sentido de que participam na construção de mundos, atraindo e aprisionando nosso modo de ver e pensar:

Arrisco-me, como provocação, a analisar esses mapas da geografia real por meio do desejo: o desejo do cartógrafo, o desejo do usuário e as possibilidades de o mapa, ele mesmo, ser um objeto desejante, contaminado pelos dois últimos, mas principalmente, contaminado pelo jogo de relações sociais que, em certo momento e em certas circunstâncias, valoriza-o e significa-o para além dos desejos de seus criadores e usuários (GIRARDI, 2009, p. 148-149).

Deparamo-nos, por meio de imagens, com um mundo pronto, descrito e explicado. Nesse sentido, Oliveira (2011, p. 4) aponta que “mais que cartografado, temos um mundo fotografado de cima”. Essas imagens estão disponíveis na internet ao alcance de todos, e muitos veículos de comunicação se utilizam delas com objetivos diversos, ou seja, ainda que um indivíduo não busque por essas imagens, elas se fazem presentes na vida em sociedade.

Tendo isso em vista, os mapas, na ação necessária de apreender para apresentar, são objetos transformadores, pois conforme assinala Oliveira (2011, p. 3) “o real não é representável”, ao contrário, é apresentado, construído, inventado, por meio de obras elaboradas e por intermédio da linguagem, sobretudo a da cartografia. Os mapas são criações que pretendem apresentar uma realidade. O mapa põe em ação sua capacidade em fazer ver como natural uma construção que é social. Nas palavras de Girardi (2009, p. 153), a naturalização, que “é a principal competência do discurso do mapa, é o parâmetro para imposição de sua verdade”.

No contexto escolar, sobretudo quando lidamos com crianças, esse efeito de verdade, de congelamento de sentidos, atua fortemente como um objeto que influencia, que estabiliza informações e que dita qual é o real. Conforme Girardi (2012, p. 42), um mapa “realiza uma política de imaginação espacial, na medida em que insiste em dizer o que o espaço é, [...]. Ou seja, o mapa é eficiente no endurecimento conceitual do espaço e do próprio mapa.”.

De fato, precisamos que essas imagens cada vez mais sejam “suspeitadas” e percam o estatuto de verdade absoluta; além disso, que sejam vistas como uma possibilidade de olhar (uma perspectiva dentre tantas outras possíveis) e, com isso possam engendrar novos pensamentos sobre o território, sobre a vida, pois falar de cartografia é falar do que nos cerca. Assim, se evidencia a necessidade de uma educação a respeito da representação do espaço que encaminhe para uma percepção mais ampla a respeito da ciência cartográfica e de suas produções.

Na contemporaneidade muitas são as imagens que adentram o universo infantil, por meio da mídia assim como das novas tecnologias. À escola cabe desenvolver o olhar que se dirige sobre essas imagens e, conforme indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental (BRASIL, 1997), é preciso promover a formação desse olhar desde o início da escolaridade. Essa formação não pode se restringir apenas à promoção da leitura das representações, mas também ao desenvolvimento para a capacidade de produzir representações a respeito do espaço.

Os PCNs se constituem em um documento oficial que objetiva orientar a organização do currículo escolar no país. Busca assegurar uma formação básica comum a todos os alunos, assim como, contemplar uma parte diversificada para atender as especificidades de cada sistema de ensino e escola na prática.

A Geografia é uma das seis áreas do conhecimento escolar abordada neste documento. O ensino e aprendizagem da cartografia, enquanto conteúdo e linguagem está previsto nessa

área do conhecimento. Colocamos em destaque no texto o que é proposto para o ensino e aprendizagem da cartografia ao longo dos anos iniciais do ensino fundamental:

- reconhecer, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e se relacionam (BRASIL, 1997, p. 89).
- utilizar a linguagem cartográfica para representar e interpretar informações em linguagem cartográfica, observando a necessidade de indicações de direção, distância, orientação e proporção para garantir a legibilidade da informação (BRASIL, 1997, p. 96).

Assim, os PCNs ressaltam como o estudo da linguagem cartográfica é necessário para a formação crítica das crianças. É necessário apresentar uma cartografia que dialogue com as necessidades reais vividas pelos estudantes, que atenda às demandas de orientação, localização e interpretação das produções cartográficas que a eles se apresentam por meio de imagens que são trazidas por diferentes suportes midiáticos.

Depreendemos que, o ensino da cartografia tem seu lugar assegurado no currículo escolar desde o primeiro ano do ensino fundamental. Concerne às escolas e aos professores a implementação desse currículo de forma a adequá-lo às suas especificidades, mas garantindo o ensino e aprendizagem de um grupo de conhecimentos tido como básicos para a inserção do sujeito em sociedade e exercício da cidadania.

Até aqui discorremos sobre as mudanças substanciais pelas quais a cartografia passou ao longo do tempo, mais especificamente, apreendemos como os mapas estão em movimento, influenciando e sendo influenciados pelos seus referentes, cumprindo um papel na sociedade de criar conceitos e pensar espaços, atuando como uma linguagem fundamental para a cidadania e as relações humanas. É ainda na infância, especificamente na educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, que o ensino e aprendizagem da Cartografia Escolar deve se impor, dada a necessidade que se tem desse conhecimento para atuação consciente do sujeito em sociedade.

### 3 CARTOGRAFIA, INFÂNCIA E MÍDIA: ALGUMAS RELAÇÕES

Como um saber constituído, logrando *status* de ciência, a obra cartográfica perpassa toda a vivência do sujeito em sociedade, tendo o seu início ainda na infância de cada indivíduo. Pensar a infância e suas especificidades se mostra uma ação necessária para a construção de pontes dialógicas com o sujeito dessa etapa e para que encontremos elementos



que contribuam para o processo de ensino e de aprendizagem da cartografia, que não está restrita ao espaço escolar, mas presente em variados suportes que adentram o universo infantil.

Os estudos de Qvortrup (2014) contribuem para pensarmos sobre a presença da criança em diferentes tempos e espaços, mostrando como a infância é uma construção social que caminha com os anseios da sociedade na qual está inserida. O autor problematiza a visibilidade da infância e com isso fomenta reflexões a respeito da criança enquanto sujeito de direitos e deveres numa sociedade que é dependente da geração seguinte para sua continuidade.

Em seu artigo *Visibilidades das crianças e da infância*, debate sobre como a criança ao ser estudada pela perspectiva biológica foi “des-espacializada e descontextualizada para que fosse definida em termos de disposições individuais e, então, tornada uma criança universal” (QVORTRUP, 2014, p. 29). O autor analisa como as teorias da psicologia, ao trazerem as especificidades da criança como ser biológico, fazem surgir uma criança universal, delineando paulatinamente um ser inacabado, incapaz, em processo de formação, que deve ser confinada a determinados espaços – aqui lembramos que Qvortrup (2014) se refere a infâncias específicas, não abarcando, por exemplo, a criança inserida em outras formas de sociedade, como as indígenas ou africanas. Essas análises nos fazem refletir sobre como a infância vem sendo construída.

A partir de uma leitura do espaço, Qvortrup (2014) faz um paralelo da criança na sociedade medieval e na sociedade moderna de forma a entender como o espaço público e o privado vêm sendo ocupado pelas crianças em cada momento histórico. Na sociedade medieval, por exemplo, as crianças eram do âmbito público, existindo em um número elevado e sendo tratadas sem que se considerassem as suas especificidades, ou seja, elas assumiam inúmeras responsabilidades junto aos adultos na realização de atividades em geral. Já na sociedade moderna, as crianças passaram a ser do âmbito privado, sendo este definido como o espaço que devem ocupar de forma a confinar sua circulação no meio familiar e demais instituições, pois nessa época elas passaram a ser constituídas de especificidades que as diferenciavam dos adultos.

A cartografia colabora para o estudo do espaço e, conseqüentemente, para a leitura de mundo. Como os estudos de Qvortrup (2014) mostram, são os adultos que definem os espaços para as crianças estarem. Esses espaços que elas findam por habitar afetam diretamente suas ações e percepções sobre o mundo. Depreendemos, assim, a relevância de nas escolas desde os anos iniciais do ensino fundamental, as crianças serem iniciadas na leitura do espaço. Ler o



espaço encaminha para conscientização do mundo que nos cerca. Educar para ler o mundo é parte da responsabilidade daqueles que lidam com a formação de cidadãos. Compreender como as crianças atuam, a forma como se relacionam e criam sobre o espaço, possibilita que apreendamos suas lógicas e, por conseguinte, podemos contribuir para a construção de uma cartografia que converse com a infância, que aja para ampliar as suas possibilidades de atuação, que intervenha para somar elementos nesse mundo tão particular e por vezes estranho aos adultos.

A partir das décadas de 1980 e 1990, devido a um conjunto de ações voltadas para a infância, como produções escritas e debates científicos, criação de órgãos e documentos visando os direitos das crianças, o espaço para a criança se torna também um direito. Nesse momento, o conceito de território irá coadunar melhor com a configuração de infância que se tem. Assim, a infância, desde sua construção como categoria geracional, sofreu mudanças em sua concepção, assim como a sociedade na qual ela está inserida. As discussões a respeito da infância expandiram e outras áreas do conhecimento deram expressivas contribuições para o debate.

Autores da Sociologia da Infância, por exemplo, produziram críticas às noções de criança e de infância que emanaram dos estudos psicológicos e contribuem para a construção do nosso olhar sobre a infância. Os estudos de Prout (2010) mostra que se faz necessário uma compreensão da infância que considere todos os fenômenos envolvidos na questão. Significa considerar que a realidade que as crianças vivenciam é de fluxos e velocidades plurais. Elas participam nessa construção de modo que não estão à parte e sujeitadas aos espaços e tempos que são definidos para elas.

Destarte, ao pensarmos a respeito das crianças precisamos considerar o contexto social em que elas estão inseridas e em que também são promotoras de mudanças. Sarmiento (2003, p. 09) apresenta que é marcante, na sociedade contemporânea o estabelecimento de um mercado de produtos culturais pensados para crianças, com o incremento dos já existentes e com a criação de novos. Esse fato contribui para a globalização da infância.

O mercado de produtos assume papel relevante, é voltado para o entretenimento, para o ato de brincar, para criar o faz-de-conta. Inclusive produtos que tenham outra finalidade, como vestir ou alimentar, fazem uso do brinquedo para atrair a criança. Esses produtos voltados às crianças são resultado da sociedade com os seus ideais perseguidos que, ao alcançarem seu público vão sendo ressignificados e, dessa forma, participam na edificação do meio social.

Na perspectiva sociológica, em conformidade com Sarmiento (2002, p. 03), o imaginário infantil é visto como uma das formas específicas da criança de se relacionar com o mundo, como “inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta” que ocorre no âmbito social “que fornece as condições e as possibilidades desse processo”.

No entanto, às crianças, não cabe apenas o papel passivo de fruidores de um mercado cultural, mas se constituem também como produtores de cultura. Isto é, as ressignificações dadas pelas crianças, bem como os papéis que essas desempenham na sociedade, impulsionam ações que se estabelecem na cultura social. Um exemplo disso são os jogos infantis, que são frutos de uma comunicação entre as crianças e, em menor grau, com mediação de adultos.

Nesse sentido, podemos depreender que esses artefatos culturais que são produzidos por um mercado visando atingir/capturar o interesse e envolvimento das crianças, participam na gestação de sentimentos e pensamentos destas sobre o mundo que as cercam. Pensar a educação na contemporaneidade impele considerar a presença desses artefatos na infância como mediadores na construção de significados sobre o mundo experienciado.

A revista é um dentre tantos outros produtos culturais que invadem a infância contemporânea; circula pelo cotidiano das crianças, fazendo parte do mundo vivenciado por elas. As crianças, ao terem contato com textos, ativamente produzem significado, mas os textos trazem consigo restrições ideológicas e formais que agem limitando certos entendimentos em detrimento de outros. Estudos realizados por Buckingham (2012) indicam que os significados construídos se produzem no embate constante da relação texto, produção e público em que nenhum ponto é determinante. Conforme o autor, se estamos num mundo rodeado de tecnologias e veículos midiáticos, e as crianças igualmente, precisamos oferecer condições para que as crianças não encarem as criações midiáticas como meios neutros.

Os produtos da mídia recorrem às produções cartográficas para finalidades variadas; no caso das revistas seja para ilustrar ou para comunicar alguma informação. As produções cartográficas são utilizadas pelas revistas como uma linguagem que auxilia na construção de textos, na expressão e comunicação de determinados assuntos. Assim, mediam formas de ver, compreender e agir sobre o espaço. Frente às mudanças da sociedade e especificamente às concepções de criança promovida pelos estudos de diferentes áreas, os estudiosos da linguagem cartográfica buscaram estratégias para dialogar com esses sujeitos. Tais estratégias perpassaram por uma nova concepção da linguagem cartográfica, que buscou compreender as crianças como atuantes na construção do mundo vivido, assumindo-as realmente como seres

que pensam e formam opiniões frente às suas experiências. Essa linguagem humana exige um raciocínio que precisa ser aprendido, e a escola ficou incumbida dessa função.

Callai (2005) discute a possibilidade e a importância de, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, promover o ensino e aprendizagem da leitura de mundo e do espaço vivido como meio de exercício da cidadania. Lastória e Fernandes (2012) colocam que a criança dos anos iniciais do Ensino Fundamental, está apta à apropriação de diversas linguagens, e essa diversidade se faz também necessária para um ensino significativo que fale do mundo e que busque apreender sua complexidade.

Pressupondo-se que fazemos uso da linguagem para nos comunicarmos, como meio de expressão, podemos pensar também em o que seria uma linguagem cartográfica e suas convenções. Segundo Cazetta (2009), é por meio de três dispositivos que a cartografia expressa no papel os espaços que deseja, a saber: a escala, a projeção e a simbologia.

No entanto, para além de comunicar e informar os mapas expressam valores, visões, escolhas que resultam do contexto social em que o produtor cartográfico se insere e que também atua na edificação desse contexto. Um mapa, ao ser visto, olhado, tem sua dimensão expressiva atuando na construção de mundos.

A subjetividade é inerente ao processo de criação daquele que produz imagens que evocam territórios e daqueles que fazem uso dessas imagens. Nesse sentido, Oliveira (2012) põe em destaque a dimensão expressiva da linguagem cartográfica propondo que haja um deslocamento das dimensões comunicativa e informativa às quais a educação da linguagem cartográfica se habituou na escola. Os mapas oficiais, versão do estado, com uma linguagem cartográfica convencional e padrão, parecem congelar nosso olhar sobre sua produção, criando-se um hábito pela repetição. Dessa forma, nosso olhar se detém sobre essas produções não conseguindo ir além, ficam em destaque suas dimensões comunicativa e informativa.

No contexto de uma sociedade capitalista, em que a criança se constitui em mercado consumidor, muitos são os produtos midiáticos direcionados ao público infantil. Nesses produtos temos presente a cartografia enquanto linguagem, com sua dimensão expressiva em ação. Compreender como e quais relações se estabelecem entre essas criações midiáticas e a infância conduz à formação de um olhar crítico e aponta para os limites e possibilidades de atuação de ambas as partes na construção da realidade vivenciada.

#### 4 OS OBJETOS DA PESQUISA: A REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS E A REVISTA RECREIO

A revista é um dos muitos produtos midiáticos que invadem o cotidiano na contemporaneidade. Scalzo (2006, p. 11-12) a define como “um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”. Seja para entreter ou para informar recorremos a esse artefato, ou ele simplesmente se faz presente nos lugares que frequentamos. Compreender suas especificidades colabora para entendermos sua posição e atuação no meio social.

A constituição da revista está atrelada ao desenvolvimento da tecnologia, assim como ao contexto histórico de cada época. Dessa forma são fluidas, surgem e desaparecem, pois conversam com sua época, são dinâmicas, se adaptam aos contornos da sociedade em que surgem, com temáticas que respondem aos anseios do meio em que estão inseridas.

A parte gráfica das revistas é outra característica valorizada e incentivada e se constitui em um meio para atrair a atenção do público. Outra característica da revista é a publicidade, que influencia no número de tiragens e na redução do preço final para o leitor, que dessa forma também é visto como consumidor pela indústria de revistas. O suporte material – formato, papel e a impressão – que propicia a facilidade em carregá-la, o papel agradável ao toque, como também o odor agradável quando comparado ao jornal são outras características que podem influenciar quanto à adesão do público.

O texto na revista se diferencia do presente em outros veículos de informação. Para atingir seu público, o texto busca apropriar-se de sua linguagem e de seus interesses. Assim, visam um público específico como também tratam de assuntos específicos, como saúde e boa alimentação, esportes, moda, casa, etc. Essas características somadas a presença de variados gêneros – podemos ter receitas, cartas de leitores, notícias, piadas, entrevistas, reportagens, etc – faz com que esse dispositivo, normalmente, estabeleça forte vínculo com o seu público.

Isto posto, partiremos para a abordagem de duas revistas que se fazem presentes no universo infantil e são objeto de estudo desse trabalho, a revista Recreio da editora Abril e a revista Ciência Hoje das Crianças. São duas revistas que, apresentam similaridades assim como diferenças.

A revista Ciência Hoje das Crianças é produzida pelo Instituto Ciência Hoje (ICH), uma organização privada sem fins lucrativos criada em 2003. O ICH mantém atualmente duas publicações mensais: a revista Ciência Hoje e Ciência Hoje das Crianças. A revista Ciência Hoje surgiu em 1982, vinculada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

com o intuito de aproximar a ciência das pessoas. Dois anos depois surge a publicação *Ciência Hoje das Crianças* com o mesmo objetivo, mas agora focando o público infantil, buscando mostrar que a ciência faz parte da vida de todos e que pode ser divertida.

A revista *Ciência Hoje das Crianças* é de periodicidade mensal, sendo a primeira revista de divulgação científica brasileira voltada para as crianças. Devido ao reconhecimento de sua notoriedade e singularidade enquanto revista de divulgação científica para crianças, desde 1991, é distribuída pelo Ministério da Educação para escolas da rede pública de todo o país.

A publicação se propõe a estimular a curiosidade e compreensão de fenômenos do cotidiano. Aborda diversos temas – arte e cultura, bichos, literatura, matemática, plantas, química, tecnologia, astronomia, física, história, meio ambiente, pré-história e saúde – de variadas formas. Traz ilustrações, experiências que podem ser realizadas pelas próprias crianças, jogos, curiosidades e espaços que buscam a interação direta com o leitor. As matérias são produzidas por pesquisadores e professores da comunidade científica e depois recebem tratamento jornalístico. A parte gráfica é pensada e criada por especialistas da área.

Quanto à dimensão física, a revista tem 27,5 centímetros de altura e 20,5 centímetros de largura. São 28 páginas em cada publicação, a textura do papel se assemelha à do papel sulfite, porém de maior gramatura e mais resistente. As ilustrações estão presentes em toda a revista com o uso de muitas cores e de variados tipos de letras. Como a revista provém de uma organização sem fins lucrativos, não há a presença de publicidade.

As matérias que a revista traz costumam ocupar de três a quatro páginas. São bem ilustradas e trazem fotografias ou gráficos que auxiliam na comunicação do conteúdo. Como a matéria é dividida em subtítulos, temos a presença de textos curtos dentro de um texto maior. Acreditamos que por ser direcionado às crianças, esse formato atrai e facilita o entendimento.

Ao lermos as matérias percebemos como a revista instiga a curiosidade das crianças, seja por meio das perguntas – presença constante ao longo da leitura da revista, seja no título ou no decorrer da leitura dos textos ou, ainda, pelos experimentos que são propostos, o que vai ao encontro da proposta da revista – aproximar a ciência das crianças e despertar a curiosidade.

A revista *Recreio* foi lançada em 1969 pela Editora Abril. Como proposta tinha “educar divertindo”, com histórias e atividades para crianças em idade escolar. No ano 2000, a revista é relançada com mudanças no perfil editorial, cujo objetivo foi torná-lo mais atual. Em 07 de julho de 2014 o portal de notícias do site “globo.com” (<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2014/07/abril-transfere-dez->

revistas-para-editora-caras.html) anuncia a transferência de dez dos títulos da Editora Abril para a Editora Caras, e dentre eles está a revista Recreio. Assim, a Editora Caras de acordo com a reportagem, passa a ser a responsável pela produção de conteúdo, circulação e venda de publicidade dessa revista. No entanto, os serviços de assinaturas, distribuição e gráfica continuam a ser prestados pelo Grupo Abril, pois as duas editoras são parceiras.

A revista tem a dimensão de 26,5 centímetros de altura por 20,5 centímetros de largura. Normalmente cada edição traz no total 36 páginas. A publicidade se faz presente em várias páginas e na contracapa de todos os números. A revista é bem ilustrada, traz fotografias e o uso de cores vibrantes com o intuito de ser atrativa para as crianças. Em cada número traz na capa, um brinquedo para ser montado.

As matérias trabalham com assuntos diversificados como, ciências, história, matemática, animais, arte, literatura, geografia, música, tecnologias, etc. Visam informar e educar, ao mesmo tempo em que a publicidade se faz presente, seja na divulgação de um filme, de um novo programa de TV, divulgação de revistas e de canais de TV, propaganda de brinquedos ou roupas. Os textos são curtos, consideram a capacidade de raciocínio e articulação de ideias da faixa etária que consome a revista. São escritos por jornalistas sob consultoria a especialistas da área do tema tratado, sendo que alguns textos são escritos sem consultoria.

Dessa forma, averiguamos que tanto a revista Recreio quanto a revista Ciência Hoje das Crianças utilizam diversas estratégias para atrair e dialogar com seu público. Ambas tem um direcionamento educativo ao tratar de temas que visam informar e trazer curiosidades de diversas áreas do conhecimento – história, geografia, ciências, arte, etc – como também se propõem a entreter e divertir.

## 5 POTENCIALIDADES DAS PRODUÇÕES CARTOGRÁFICAS PRESENTES EM REVISTAS PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Após compreendermos como as duas revistas, Recreio e Ciência Hoje das Crianças, se apresentam ao seu público, apresentamos, nos limites desse artigo, a análise de quatro produções cartográficas, sendo duas de cada revista. Conforme explicitado na introdução, analisamos as publicações do mês de julho a dezembro de 2015. A quantidade de exemplares para análise da revista CHC de publicação mensal, foi de seis e no total verificamos a presença de 07 matérias com a presença de produções cartográficas. A revista Recreio, por ser

uma publicação semanal, a quantidade de exemplares para análise foi de 27 com a presença de 34 matérias com produções cartográficas.

Tecemos reflexões no sentido de elucidar as potencialidades das produções cartográficas, para o processo de ensino e aprendizagem da cartografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Conforme vimos, vários estudiosos se debruçam sobre a questão da definição do que são mapas. Apesar de não haver um consenso, os estudos encaminham para uma visão fora do paradigma tradicional, sendo que mapas vão desde produções gráficas feitas por especialistas, como geógrafos e cartógrafos, a imagens de satélites e fotografias. É, a partir dessa perspectiva que analisamos as produções cartográficas.

A análise pauta no que preconizam os documentos que orientam o currículo escolar de Geografia no país; especificamente focamos no processo de ensino e aprendizagem da leitura cartográfica, explorando os elementos dos mapas que encontramos presentes nessas figuras. Focamos também na dimensão expressiva das produções cartográficas. De acordo com Oliveira (2011) consideramos que, para além da dimensão comunicativa e informativa essas produções expressam valores, pensamentos e sentimentos que participam na forma como concebemos e vivenciamos os espaços.

Iniciamos pela figura a seguir, extraída da edição número 802, de 23 de julho de 2015, páginas 12 e 13, da revista *Recreio*. O texto foi escrito por Silvia Regina e *design* de Aline Casassa, a consultoria foi de Estefano Gobb, professor de Geografia da PUC-Campinas e Marco Lentini coordenador do programa Amazônia da WWF-Brasil.

A matéria discorre sobre a Amazônia, floresta tropical de grande destaque em nosso país e o estudo sobre esse bioma está previsto para ser trabalhado nos anos iniciais do ensino fundamental. O título é “A Amazônia é nossa!”, sendo que essa matéria se insere na seção “Mapa-múndi” da revista. O texto inicia falando sobre a riqueza e diversidade da flora e fauna desse bioma, traz algumas curiosidades e chama a atenção do leitor para o grave problema do desmatamento iniciado no século 16 e que perdura na atualidade.

Conforme discutimos em tópico anterior, a revista *Recreio* trabalha com textos curtos, usa muitas cores e imagens para atrair a atenção de seu leitor. Assim, observamos no decorrer dessa matéria o uso de fotografias de animais e plantas presentes na Amazônia ilustrando os pequenos textos que trazem informações sobre a floresta.

A produção cartográfica busca situar a área do planeta Terra que é coberta pela floresta. Para isso traz a representação da América do Sul em um plano. O título afirma que a Amazônia é nossa, no entanto, a matéria em nenhum momento refere-se ao porquê de tal afirmação. Fica para o leitor depreender a partir da leitura do mapa, que a afirmação “A



Amazônia é nossa!” se baseia no fato de grande parte desse bioma estar em território brasileiro. Para proceder a esse entendimento a leitura da legenda que é trazida no mapa é essencial.



Figura 1: “Amazônia em território brasileiro”. Fonte: Revista Recreio, Editora Abril, nº 802, 23 de julho de 2015, Ano 15, p. 12. ISSN 1517-7467

Almeida e Passini (2008, p. 17) discorrem sobre o processo de leitura de mapas:

Inicia-se uma leitura pela observação do título. Temos que saber qual o espaço representado, seus limites, suas informações. Depois, é preciso observar a legenda ou a decodificação propriamente dita, relacionando os significantes e o significado dos signos relacionados na legenda. É preciso também se fazer uma leitura dos significantes/significados espalhados no mapa e procurar refletir sobre aquela distribuição/organização. Observar também a escala gráfica ou numérica acusada no mapa para posterior cálculo das distâncias a fim de se estabelecer comparações ou interpretações.

A figura cartográfica (Figura 1) trazida pela revista, não apresenta título, escala ou orientação. Quando se trata de apresentar um mapa todos esses elementos são obrigatórios. Mas o que a revista traz é uma produção cartográfica, uma figura, e não tem que atender necessariamente as condições a que um mapa precisa atender e atender. Para a leitura dessa matéria, o leitor precisará mobilizar seu conhecimento referente aos elementos do mapa para o entendimento da função que este desempenha no contexto.

Como percebemos, essa figura é uma representação da América do Sul e traz a divisão política dessa área, nomeando apenas os países e os estados brasileiros em que a floresta

Amazônica está presente. Há uma exceção com relação ao estado do Acre, que segundo o mapa é coberto pela floresta, mas não foi nomeado. A área que é coberta pela floresta Amazônica está na cor verde, sendo que está em verde mais claro a área em que a floresta está presente fora do território brasileiro e de verde mais escuro a área da floresta que está em solo brasileiro. O restante da área em que a floresta não está presente está na cor preta. Observamos ainda que, a parte que representa o Brasil e que está na cor verde escuro tem presente a divisão política por estado, enquanto que no restante da área – em preto – em que a floresta não está presente apagam-se as linhas que representam a divisão do território em estados.

Oliveira (2011) aponta como as linhas de fronteira entre países, estados ou municípios estão a educar nosso olhar sobre o espaço geográfico. A presença desses mapas no contexto escolar, por meio dos livros didáticos, atlas e outros materiais é profusa. No entanto, outros artefatos presentes no universo infantil também trazem esse tipo de mapa que conduz a uma forma única de pensar o espaço.

a linguagem cartográfica está a me obrigar a olhar o território como sendo sempre e, sobretudo, político (mas um político esvaziado, uma vez que remete quase que exclusivamente ao caráter administrativo destas fronteiras). Esta “obrigatoriedade cartográfica” a quase onipresença do molde político nos mais variados tipos de mapas naturaliza esta forma de pensar o espaço a partir daquilo que os mapas nos dão a ver, ou seja, o modo como o Estado, enquanto forma social, pensa este espaço e o utiliza na manutenção de seu poder. (OLIVEIRA, 2011, p. 5-6).

Os PCNs colocam como objetivo para os anos iniciais do ensino fundamental a análise das imagens. Cabe à escola promover momentos de aprendizagem sobre a linguagem cartográfica em que os alunos se vejam como criadores de representações, codificadores do espaço, mas também como leitores das informações expressas e implícitas nos mapas.

É preciso que o professor analise as imagens na sua totalidade e procure contextualizá-las em seu processo de produção: por quem foram feitas, quando, com que finalidade, etc., e tomar esses dados como referência na leitura de informações mais particularizadas, ensinando aos alunos que as imagens são produtos do trabalho humano, localizáveis no tempo e no espaço, cujas intencionalidades podem ser encontradas de forma explícita ou implícita. (BRASIL, 1997, p. 78)

No espaço escolar precisamos sensibilizar o olhar das crianças para as produções cartográficas que se apresentam. O exercício de olhar e questionar o mapa e sua função no contexto em que é trazido oportuniza liberar o pensamento para novas formas de se conceber

o espaço. O mapa passa a ser entendido como um mapa, um dentre outros possíveis de se criar.

Assim, seria possível representar de maneira diferente a área que a floresta Amazônica ocupa no planeta? Por que não propor aos alunos tal criação? Por que não pensar em uma forma diferente de mapear tal dado? A presença das linhas de fronteira de países e estados realmente são necessárias? No espaço escolar, conforme propõe Oliveira (2011), a dimensão expressiva do mapa deve ser considerada, um mapa não apenas comunica e informa, ele atua na construção de mundos.

A matéria seguinte está presente na edição número 810, de 17 de setembro de 2015, páginas 16 e 17 também da revista *Recreio*. Consta que o texto foi escrito por Lucas Vasconcellos e *design* de Fábio Bertolozzi.

Com o título “Tão, tão distante!”, a matéria jornalística na seção “Mapa-múndi” traz lugares muito distantes e pouco habitados. Traz uma fotografia de cada lugar apresentado. São lugares estranhos, como a própria matéria diz “...que mais parecem o fim do mundo”. A figura do mapa-múndi (Figura 2) é trazida para auxiliar a localização pelo leitor desses lugares no planeta.



Figura 2: “Mapa-múndi”. Fonte - Revista *Recreio*, ISSN 1517-7467, Editora Abril, nº 810, 17 de setembro de 2015, Ano 15, p. 17.

Não há a presença da fonte, escala ou orientação. Temos as delimitações terrestres dos continentes e o uso de diferentes tons de verde nessa área. A simbolização se faz presente por meio dos números de 1 a 6 que representam na figura cartográfica a localização dos lugares que são descritos na matéria jornalística.

Outra observação é o uso da projeção de Mercator, vimos em tópico anterior, que data de 1569 e se constituiu em um modelo para muitos mapas-múndi. A crítica sobre essa projeção recai no fato de que, de acordo com Seemann (2003, p. 3):

Geógrafos críticos condenaram a projeção de Mercator, porque ela deforma e distorce grosseiramente as áreas representadas, contribuindo assim para a criação de uma imagem ideologizada do mundo a favor das economias dominantes.

No entanto, precisamos compreender a criação dessa projeção no contexto da época de seu criador. De acordo com Seemann (2003, p. 12) a projeção que Mercator produziu não objetivava a simples representação do planeta Terra, mas “servia a finalidades práticas, à navegação” que naquele contexto estava no auge com a busca e descoberta por novas terras. No entanto, essa projeção se tornou a mais utilizada e conhecida:

O que era uma ajuda de navegação para os capitães do Renascimento tornou-se uma representação ideologizada do mundo. Embora seja uma projeção pobre para um mapa-múndi, a sua malha de coordenadas retangular atraiu inúmeras editoras geograficamente analfabetas que acharam sua forma geométrica bastante conveniente para atlas, mapas murais e ilustrações em livros, artigos e jornais, tornando-se a projeção-padrão no mapa mental de muitas pessoas (ROSENBERG, 2001; SEEMANN, 2003, p. 3)

A projeção de Mercator produz enormes distorções. A partir de uma observação podemos perceber que a Groelândia e a América do Sul aparentam ter a mesma área, no entanto a América do Sul é aproximadamente oito vezes maior que a Groelândia. Há uma deformação das áreas nas altas altitudes. Conquanto, o fato é que qualquer projeção traz distorções, então a questão, segundo Seeman, não é saber qual seria a melhor projeção, mas sim escolher a projeção a ser utilizada considerando a finalidade do uso.

É possível “ver” as mãos que cartografaram o espaço e entender que este não é um exercício neutro, mas que é subjetivo, feito de escolhas. Aqueles que também recorrem às produções cartográficas – como a mídia – para alguma finalidade, também estão participando na construção de formas de ver e sentir o mundo que vivenciamos.

Assim, seria a projeção de Mercator a mais adequada para a finalidade a que a revista evoca a produção cartográfica? A partir dessa matéria jornalística, poderíamos desenvolver o olhar observador do aluno apresentando a eles outras formas de representação do planeta Terra num plano ou mesmo no globo terrestre e solicitar que localizem esses lugares? E a simbolização por meio de números poderia ser expressa de outra forma, considerando que o veículo midiático que a traz é direcionado ao público infantil? Seria possível construir junto com os alunos um outro mapa, diferente do apresentado, mas que ainda atenda à finalidade para a qual ele foi evocado?

Muitas outras questões seriam possíveis de serem feitas a partir dessa representação. O que buscamos é sensibilizar o olhar sobre essas produções cartográficas que se apresentam e sobre as quais comumente assumimos uma postura de receptores das informações e sensações que são trazidas. Buscamos fazer derivar o pensamento sobre outros modos de conceber os espaços e sensibilizar o olhar sobre as produções cartográficas que nos são apresentadas.

A próxima matéria jornalística que traz uma produção cartográfica foi retirada da revista CHC, edição número 271 de setembro de 2015, páginas 13, 14 e 15. Foi escrita por Alfred Sholl-Franco, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mariza Sodré, da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. A ilustração foi feita por Mario Bag. O título é “Para enxergar, acenda a luz!”, a reportagem discorre sobre o estímulo da luz que é necessário para que consigamos enxergar, explica como a luz, o olho e o cérebro funcionam para que isso aconteça.

Dentre as ilustrações presentes, temos a figura desenhada e animada do planeta Terra. Assim, o planeta Terra representado traz uma coroa, olhos, boca e nariz. Podemos perceber que ele olha para o sol e assume uma expressão de dúvida, que a presença do sinal de pontuação “interrogação” confirma. Notamos também a presença do desenho de uma onda de radiação próxima ao sol.

Um aspecto cartográfico a ser explorado é a orientação norte-sul dessa representação (Figura 3), que contribui para o enraizamento da noção norte “para cima” e sul “embaixo”. Por que colocar uma coroa nessa representação? Poderia ser outro objeto? Haveria outra forma de se retratar o nosso mundo, o nosso planeta? De certa forma, a partir da observação dessa figura podemos estimular os alunos a criarem novas formas de representação do nosso planeta. O detalhe da coroa abre possibilidades de novas criações, de novas formas de ver o espaço que habitamos se, dessa forma dirigirmos o nosso olhar.

Conforme Oliveira (2011) nos deparamos no cotidiano com imagens que trazem um mundo descrito e pronto. Essas imagens nos são apresentadas por meio de vários canais. Os

veículos de comunicação se apresentam como um desses canais que nos apresentam imagens que evocam territórios, ainda que não perceptivelmente.



Figura 3: “Planeta Terra animado”. Fonte: Revista Ciência Hoje das Crianças, publicação mensal do Instituto Ciência Hoje, n° 271, setembro de 2015, Ano 28, p. 14. ISSN 0103-2054.

A matéria jornalística seguinte, também é da revista CHC, edição número 272 do mês de outubro de 2015, páginas 2 a 6. Foi escrita por Juliana Lins do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. A matéria jornalística ocupa no total 5 páginas e traz fotografias de diferentes profissionais para a ilustração. O título é “Diário da Amazônia ontem e hoje” e a autora busca dialogar com o leitor. Para tanto, escreve na primeira pessoa do singular. A autora, por meio da reportagem no estilo de um diário, conta um pouco da sua experiência e estudos que desenvolve sobre a floresta Amazônica. Discursa sobre a floresta ontem, se referindo aos séculos 16 e 17, e hoje, mostrando como existe um elo entre o passado e o presente que não se apaga.

A foto da Terra, feita do espaço por um satélite, aparece logo no início da reportagem (Figura 4). A foto é proveniente da NASA. A autora do texto se refere diretamente à foto, instruindo o leitor na localização da floresta Amazônica e a observar a área do nosso país que essa floresta ocupa, conforme podemos observar na figura abaixo:





Figura 4: “Foto do planeta Terra”. Fonte - Revista Ciência Hoje das Crianças, ISSN 0103-2054, Publicação mensal do Instituto Ciência Hoje, n° 272, outubro de 2015, Ano 28, p. 3.

Assim, a figura do planeta Terra assume a função informativa e comunicativa, pois localiza a floresta Amazônica na foto da Terra feita por um satélite. Mais uma vez a orientação norte “para cima” e sul “embaixo” está presente. Assim, a leitura cartográfica pode abordar três pontos: a localização da floresta Amazônica, a área que ela ocupa do território brasileiro e a orientação norte-sul da produção cartográfica. Como vimos a orientação norte-sul é uma naturalização do pensamento ocidental com relação à orientação dos mapas.

São muitos os temas trabalhados pelas revistas e cujo conteúdo faz parte do currículo escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Esses textos jornalísticos tanto podem ser usados como problematização inicial para o desenvolvimento de um determinado conteúdo quanto para ser o texto principal no desenvolvimento de uma aula.

Ressaltamos que o professor, ao utilizar artefatos midiáticos durante suas aulas precisa considerá-los para além do seu uso instrumental. Assim, partir de uma abordagem destes também como formas de cultura e comunicação. Isso significa que, ao fazer uso do artefato midiático é preciso considerar que este comunica uma visão de mundo, traz determinadas representações e não outras. Precisamos considerar que esses dispositivos são produzidos por seres humanos a partir de determinadas escolhas e que devem ser colocados em questionamento. Portanto, precisamos formar uma postura questionadora dos alunos frente a tais criações humanas. Proceder à leitura crítica das produções cartográficas trazidas por esses artefatos contribui para tal formação.



Conforme analisamos, as produções cartográficas presentes em revistas voltadas ao público infantil apresentam potencialidades para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da cartografia, especificamente da leitura cartográfica, nos anos iniciais do ensino fundamental. Acreditamos que as análises dessas potencialidades possam contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da cartografia que caminhe para além da dimensão informativa e comunicativa das produções cartográficas, abarcando também a dimensão expressiva, que conforme estudos de Oliveira (2011), possibilita novas formas de olhar e compreender o espaço que habitamos. A sensibilização do olhar dos alunos para essas produções, com as quais se deparam no dia a dia é outra contribuição resultante.

O conhecimento cartográfico se apresenta enquanto conteúdo e linguagem e, sendo assim, pode constituir o conteúdo a ser trabalhado ou uma linguagem que medeia o trabalho de outros conteúdos. No currículo dos anos iniciais está previsto o estudo da cartografia enquanto conteúdo e linguagem. Ao desenvolver o trabalho com outras disciplinas e houver a presença de uma produção cartográfica é necessário que o professor atente para a leitura e análise dessa produção junto com seus alunos. Pois, como vimos, essas produções trazem informações importantes para o entendimento do texto em que são trazidas e estão a gestar sentimentos, pensamentos e formas de se conceber o mundo que vivenciamos.

As revistas analisadas apresentam textos curtos e de fácil compreensão, numa linguagem que busca dialogar com o leitor da faixa etária para a qual é destinada, utilizam recursos como cores variadas, fotografias e desenhos que capturam a atenção do aluno. Assim, depreendemos que a análise das potencialidades das produções cartográficas presentes em revistas voltadas ao público infantil, poderá estimular e auxiliar o professor no desenvolvimento do conhecimento cartográfico.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade temos todo um mercado de produtos culturais pensado para as crianças e que normalmente capturam a atenção e o olhar delas. Dessa forma, pensamos que as revistas como parte desse mercado e como um artefato que veicula produções cartográficas, poderiam apresentar potencialidades para o processo de ensino e aprendizagem da cartografia.

Para isso, primeiramente empreendemos um olhar histórico sobre a cartografia e o lugar que a mesma ocupa nos documentos oficiais que orientam o currículo escolar dos anos

iniciais do ensino fundamental. Posteriormente, averiguamos quais as relações que se estabelecem entre cartografia, infância e mídia, para então procedermos à análise das potencialidades das produções cartográficas.

Vimos que a cartografia nasceu de uma necessidade humana de se expressar e registrar os espaços para alguma finalidade. Ao longo do tempo esse conhecimento tem sido utilizado e tem participado na construção do mundo como o vivenciamos e concebemos. Os estudos sobre esse saber também promoveram mudanças na maneira como o interpretamos e fazemos uso dele. Compreendemos que produções cartográficas não apenas atendem a uma finalidade prática de orientar e informar. Estas produções são criações humanas que expressam visões, valores e sentimentos sobre o mundo. Estão a influenciar na maneira como enxergamos, sentimos, pensamos e nos organizamos nos espaços que habitamos ou temos contato. O estudo sobre esse conhecimento tem seu lugar assegurado nos espaços escolares, por documentos oficiais que orientam o currículo escolar no país.

Estabelecemos as relações entre cartografia, infância e artefatos midiáticos. Averiguamos que as crianças na contemporaneidade, no contexto de uma sociedade capitalista se constituem em mercado consumidor. A mídia faz uso de diversos mecanismos para atrair e manter seu consumidor mirim e tem obtido sucesso nesse processo. Dessa forma, a mídia tem atuado de forma relevante na construção da infância, pois ao vender seus produtos também veicula pensamentos, modos de vida e valores.

No entanto, constatamos que o público infantil não se constitui em mero receptor do que é veiculado, ele age nesse processo também construindo significados e ressignificando aquilo com o que tem contato. Conforme estudos de Buckingham (2012) os significados são construídos no embate constante da relação texto, produção e público em que nenhum dos pontos são determinantes.

Nesse sentido, acreditamos que, o processo de ensino e aprendizagem deve fornecer elementos que as crianças em seu cotidiano usem, na elaboração de significados com aquilo que se deparam. Assim, precisamos de uma educação para as mídias que, de acordo com Buckingham (2012), não se paute apenas no uso instrumental dos artefatos midiáticos, mas que também os considerem como formas de cultura e comunicação, maneiras de pensar e representar o mundo. A linguagem cartográfica está presente nesses artefatos com sua dimensão expressiva em ação.

O artefato midiático, revista, apresenta suas especificidades. Desde sua concepção tem como peculiaridade ser direcionada a um público específico, ter uma periodicidade definida e trazer atualidades. No decorrer de sua trajetória outras especificidades foram gestadas, como a

importância do *design* gráfico, a publicidade que foi incorporada e a maior segmentação por assuntos. São dispositivos que conversam com sua época e com um público determinado, com quem costumam construir uma relação de fidelidade e empatia.

Ao analisarmos as produções cartográficas, verificamos que elas apresentam potencialidades para o processo de ensino e de aprendizagem da cartografia, especificamente da leitura de representações do espaço, nos anos iniciais do ensino fundamental. Também são muitos os temas trabalhados pelas revistas e cujo conteúdo faz parte do currículo escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Averiguamos que, ao abordar esses dispositivos em sala de aula, o professor deve se atentar para a formação de uma postura questionadora dos alunos frente a tais criações humanas. Para isso, proceder a uma leitura crítica das produções cartográficas contribui para tal formação.

Acreditamos que as análises a que procedemos – das potencialidades das produções cartográficas – contribuem significativamente para um processo de ensino e de aprendizagem da cartografia que caminhe para além da dimensão informativa e comunicativa das produções cartográficas, abarcando também a dimensão expressiva, que conforme estudos de Oliveira (2011), possibilita novas formas de olhar e compreender o espaço que habitamos. Outra contribuição é a sensibilização do olhar dos alunos para as produções cartográficas com as quais se deparam no dia a dia.

Entendemos que as análises apresentadas trouxeram elementos para o desenvolvimento do trabalho pedagógico em sala de aula, em que a cartografia enquanto conteúdo ou linguagem seja abordada. O professor poderá adequar os elementos que averiguamos como potencialidades às suas aulas considerando como ponto de partida a realidade de seus alunos e os objetivos que pretende alcançar.

# CARTOGRAPHIC PROJECTS PRESENT IN MAGAZINES FOR THE CHILD PUBLIC: THE POTENTIALITIES FOR CARTOGRAPHY EDUCATION AND LEARNING

## ABSTRACT

The objective of this article was to analyze the potential of cartographic productions present in magazines devolved to children to the teaching and learning process of cartography. Two magazines were selected for analysis: *Ciência Hoje das Crianças* and *Recreio* magazine. The analysis was centered in the editions published between the months of July and December of 2015. Bibliographical and documentary research were performed. It was concluded that the cartographic productions present in these journals contribute for the pedagogical activities in the classroom. Comprehension of representations of the geographical space in the initial years of the elementary school may lead to new ways of looking and understanding the geographical area.

**Keywords:** Cartography. Childhood. Education.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosangela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BARACHINI, Teresinha. Discursos construídos pela cartografia Holandesa. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 20, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B - ANPAP, 2011. v. 1. p. 4578-4592. .Cd-Rom. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/teresinha\\_barachini.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/teresinha_barachini.pdf)>. Acesso em: 10 de jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUCKINGHAM, David. Precisamos realmente de educação para os meios? **Comunicação & Educação**, Ano XVII, n. 2, p. 41-60, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/73536/77235>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes, Campinas**, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 out. 2015.

CASTROGIOVANNI, Antônio. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediacção, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CAZETTA, Valéria. Aproximações e distanciamentos entre a linguagem cartográfica e outras linguagens. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona. v. 14, n. 847, novembro, 2009. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-847.htm>>. Acesso em: 05 out. 2015.

GIRARDI, Gisele. Mapas alternativos e educação geográfica. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 39-51, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Mapas desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 20, n.3 (60), p. 147-157, set./dez., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a10.pdf>>. Acesso: 22 out. 2015.

GOMES, Maria do Carmo Andrade. Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da Cartografia. In: **Geosp – Espaço e Tempo**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 16, p. 67-79, 2004.

HARLEY, John Brian. “Mapas, saber e poder”, **Confins** [Online], 5/2009. Disponível em: <<http://confins.revues.org/index5724.html>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

LASTÓRIA, A.C. e FERNANDES, S. A. S. A geografia e a linguagem cartográfica: de nada adianta saber ler um mapa se não se sabe aonde quer chegar. **Ensino em Re-Vista**, v. 19, n. 2, jul./dez. 2012.

LÉVY, Jacques. Uma virada cartográfica? In: ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2008, p. 153-167. Disponível em: <<HTTP://www.ettern.ippur.ufrj.br/publicacoes/58/cartografias-sociais-e-territorio>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

OLIVEIRA JR., Wenceslão Machado de. Mapas em deriva - imaginação e cartografia escolar. **Geografares**, Vitória (ES), v. 12, p. 1-49, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/viewFile/3187/2397>>. Acesso em: 10 out. 2015.

\_\_\_\_\_. A educação visual dos mapas. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, Número Especial EGAL, p. 1-16, 2011.

PONCET, Patrick. “Visões de Mundo”, **Cofins** [Online], 5/2013. Disponível em: <<HTTP://confins.revues.org/8448>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Caderno de pesquisa, Coventry, Reino Unido, Instituto da Universidade de Warwick, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n141/v40n141a04.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.

QVORTRUP, Jens. Visibilidades das crianças e da infância. **Linhas Críticas**, Brasília, Universidade de Brasília, v. 20, n. 41, p. 23-42, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193530606003>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Beatriz (Org.). **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação**. Porto: Edições ASA, 2003.

\_\_\_\_\_. Imaginário e Culturas da Infância. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2002. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos Tempos: a Interculturalidade nas Culturas da infância”, para o projeto POCTI/CED/49186/2002, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Disponível em: <[http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SEEMANN, Jörn. Mercator e os Geógrafos: em busca de uma “projeção” do mundo. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 02, número 03, 2003. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/159/127>>. Acesso em: 10 set. 2016.

REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS. Publicação mensal do Instituto Ciência Hoje, n. 271, set. 2015, Ano 28. ISSN 0103-2054.

\_\_\_\_\_. n. 272, out. 2015, Ano 28. ISSN 0103-2054.

REVISTA RECREIO. Editora Abril, nº 802, 23 de jul. 2015, Ano 15. ISSN 1517-7467.

\_\_\_\_\_. n. 810, 17 de set. 2015, Ano 15. ISSN 1517-7467.

Recebido em 01/3/2017.  
Revisado entre 27/6/2017 e 2/7/2017.  
Aceito em 3/7/2017.